

ENTREVISTA ESPECIAL EM COMEMORAÇÃO AOS 30 ANOS DA INICIAÇÃO CIENTÍFICA NA UNITINS

Andreia Fernandes¹,

Iniciação científica presente na graduação, pós e mercado de trabalho: conheça a história de Marcus Henrique Martins e Silva



Marcus Henrique é Engenheiro Agrônomo pela Universidade Estadual do Tocantins - UNITINS (2015); mestre em Biodiversidade e Agroecossistemas Amazônicos pela Universidade do Estado de Mato Grosso - UNEMAT (2020). Atuou no Instituto Federal de Mato Grosso no cargo de Engenheiro Agrônomo no desenvolvimento de projetos de pesquisa e extensão na área agroambiental. Atualmente é Analista Ambiental da Secretaria de Estado de Meio Ambiente e Desenvolvimento Sustentável do Estado de Goiás - SEMAD.

¹Graduada em Jornalismo pela Universidade Federal do Tocantins - UFT (2019), aluna especial do Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Sociedade – PPGCOM da Universidade Federal do Tocantins – UFT, pós-graduanda em Estratégias da Comunicação Organizacional - Universidade de Uberaba (Uniuibe). Atualmente é responsável pelo atendimento de demandas gráficas e de imprensa na Universidade Estadual do Tocantins (Unitins).

Engenheiro Agrônomo pela Universidade Estadual do Tocantins (Unitins) e mestre em Biodiversidade e Agroecossistemas Amazônicos pela Universidade do Estado de Mato Grosso – (UNEMAT). Foi Bolsista de Iniciação Científica e Iniciação ao Extensionismo no Núcleo de Desenvolvimento e Avaliação do Desempenho Ambiental (Nudam/Unitins). Atuou como Agente de Fiscalização na Agência Tocantinense de Regulação (ATR). Atualmente é Engenheiro Agrônomo do Instituto Federal de Mato Grosso - Campus Alta Floresta, onde é responsável pelo Núcleo de Geoprocessamento e desenvolve projetos com foco no diagnóstico, planejamento e análise ambiental.

ANDRÉIA: Marcos, para comemorar os XXX anos da Iniciação Científica e Tecnológica da Unitins, estamos conhecendo a trajetória de egressos que foram alunos com projeto de pesquisa de iniciação científica para que falem da importância dos programas de pesquisa em suas carreiras acadêmicas. Para iniciar, nos fale sobre você e sobre a sua trajetória.

MARCOS: É uma alegria poder compartilhar essa experiência, um pouco da minha trajetória porque a Unitins é, sem dúvida alguma, uma instituição muito importante nessa minha caminhada acadêmica e profissional. Então, eu acho que os meus primeiros passos e o meu interesse pela área da Agronomia, principalmente a Agropecuária e o Meio Ambiente, pois eu acredito a agronomia envolve bem esses dois grandes temas, se iniciou no Banco da Amazônia, quando eu fui estagiário. Durante o meu ensino médio tive a oportunidade de ser estagiário na agência de São Félix do Xingu - PA, e lá eu trabalhei na área de crédito rural, trabalhei com analistas de financiamento e dois engenheiros agrônomos, então ali eu comecei a ver um pouco da atuação profissional dos engenheiros agrônomos do Banco e também dos engenheiros que prestavam serviço, elaborando os projetos técnicos para financiamento. E foi assim que comecei a me interessar pela área e despertei o desejo de cursar Engenharia Agrônoma.

ANDRÉIA: Certo. E durante a graduação na Unitins, após passar no vestibular, você logo participou de programas de iniciação científica?

MARCUS: Sim, eu comecei participando inicialmente de projetos do Núcleo de Desenvolvimento e Avaliação do Desempenho Ambiental (NUDAM), que é coordenado pela

professora Juliana Mariano Alves e pelo professor Fred Newton, por meio de projetos de iniciação à Extensão, que é uma outra modalidade de iniciação científica, vamos dizer assim, mas com foco principalmente nos projetos de extensão. Era um projeto voltado ao uso de um tipo de remineralizador de solos, um pó de rocha, e ali foi a minha entrada na área, por meio dessa oportunidade que esses professores abriram para esses alunos da primeira turma. Após a conclusão desse projeto, que se chamava IEX, veio a oportunidade de submeter um projeto na modalidade de iniciação científica mesmo, por meio do PIBIC.

Então, foi dando sequência, inclusive, na mesma temática que a gente atuava na iniciação à extensão, no PIBIC eu trabalhei com o uso desse pó de rocha, o uso desse remineralizador como fertilizante alternativo na cultura da cana-de-açúcar. Esse experimento foi plantado no Complexo de Ciências Agrárias e foi conduzido durante um ano. Inclusive, esse projeto de pesquisa foi o meu tema de Trabalho de Conclusão de Curso. Tive a felicidade de ser o primeiro a apresentar o TCC da primeira turma de Engenharia Agrônoma de 2010. Então, o PIBIC realmente foi de grande importância para esse amadurecimento científico, essa oportunidade de experiência com o trabalho acadêmico, com projetos de pesquisa e também tive a oportunidade de utilizar esses dados, de aperfeiçoar esse projeto, por meio do meu trabalho de conclusão de curso.

ANDRÉIA: Que legal! E depois da graduação você não parou né? Continuou na carreira acadêmica...

MARCUS: Isso. Logo depois que ingressei na instituição em que eu estive trabalhando por sete anos, que é o Instituto Federal de Mato Grosso, eu fiz uma especialização em Meio Ambiente e Desenvolvimento de Sustentabilidade. E logo em seguida, também tive a oportunidade de cursar o Mestrado na Universidade do Estado de Mato Grosso, na cidade onde eu trabalhava e concluí no início de 2021. No mestrado, trabalhei com Entomologia, que é uma área da Agronomia que estuda os insetos.

O objetivo da minha dissertação foi avaliar a ocorrência de um determinado grupo de insetos, que são conhecidas popularmente como coleobrocas, em áreas de produção de castanha-do-pará.

ANDRÉIA: Uma pesquisa bem diferente do tema que você pesquisou na graduação, certo? Mas você

conseguiu notar um amadurecimento científico após passar pelo PIBIC?

MARCUS: Sem dúvida a minha bagagem e a experiência do PIBIC foi fundamental no meu ingresso no mestrado, e também para a execução da pesquisa.

ANDRÉIA: E sobre trabalhos científicos, você chegou a publicar durante a graduação?

MARCUS: Durante a época, tanto da iniciação de extensão como do PIBIC, nós conseguimos publicar, principalmente resumos, resumos simples e resumos expandidos. O artigo, eu consegui publicar já no finalzinho da minha formação. Publiquei meu primeiro artigo, justamente sobre o tema da minha pesquisa no PIBIC.

ANDRÉIA: É muito bom falar sobre isso, porque as pessoas muitas vezes acham que é muito difícil fazer um projeto de pesquisa ou publicações científicas. E na verdade, essas publicações ajudam na seleção para um mestrado e também no desenvolvimento de atividades no mercado de trabalho, você concorda?

MARCUS: Sim, com certeza! Acredito que o PIBIC, contribuiu muito para o meu amadurecimento pessoal, profissional e científico.

Acho que no pessoal oportuniza você lidar com as responsabilidades. A forma como você conduz suas atividades ajuda a ter noção de responsabilidade, de disciplina, de dedicação.

E também do ponto de vista profissional, porque incrementa, nos traz experiências, ferramentas para a nossa formação. E eu acho que, às vezes, a gente fica

pensando assim, “mas eu acho que isso só vale para quem vai seguir na pós-graduação e tudo mais”, mas não é verdade. Lá no IFMT, durante esses sete anos que eu estive trabalhando, muitas das minhas atividades profissionais, que eu conseguia desenvolver, como por exemplo um relatório ou um projeto técnico, eu conseguia elaborar com mais facilidade por conta desse amadurecimento da escrita, da análise dos dados. Eu aprendi a ter uma visão crítica em relação ao meu trabalho e aos estudos, principalmente para avaliação, apresentação e discussão dos meus resultados.

E dentro do IFMT, sempre falei aos meus orientandos: “proveitem as oportunidades, porque quando a gente conclui a graduação, a gente se sente ainda cru, né, porque a gente gostaria de mais experiência, de mais bagagem. Então, proveitem ao máximo, desfrutem ao máximo do que a instituição oferece, e o PIBIC é uma dessas oportunidades.

ANDRÉIA: Aproveitando essa mensagem Marcus, o que você falaria para os acadêmicos que lerão essa nossa conversa?

MARCUS: Olha, a mensagem de incentivo para a galera que está iniciando, os calouros, ou quem já está bem encaminhado no curso é que proveitem mesmo a oportunidade que a instituição oferece por meio dos projetos, sejam projetos de iniciação à extensão, sejam projetos de iniciação científica. Conhecimento a gente nunca perde, muito pelo contrário, só somam para que possamos ser bons profissionais em qualquer carreira que desejamos seguir. Tenho muito orgulho de ter sido um aluno IEX e Pibic.